
❧

O Grande Desapontamento

Crônicas Póstumas

Bruno Accioly





Introdução

O serviçal já não sentia muito do plexo para baixo, inebriado que estava pela geléia viscosa e coalhada de grãos.

Seu interlocutor repetia, imperturbável, as mesmas perguntas em um sotaque estrangeiro nada familiar - Quem são os Cinco? - Inquiria ele sem qualquer traço de sentimento em sua voz.

- Não... sei, senhor... - Teve a cabeça solta da tira de couro que o impedia de olhar para baixo para ver, pela primeira vez, por entre toda aquela substância, o talho generoso que, de forma precisa, percorria-lhe o baixo ventre, exibindo parte dos intestinos.

- Não há dor, garoto, ao menos no momento. - Começou calmamente o torturador, enquanto o jovem tentava compreender o que via e que todo o sangue e gordura misturados àquela geléia grotesca era seu - Não há promessa de conserto à tua condição. Não há saída senão uma morte rápida... E esta só virá com tua resposta.

Uma orgia de carnes e tripas se misturava à geléia violeta imiscuída de grãos amarelo-pardacentos inteiros ou macerados e o rapaz, drogado, sentia-se confuso acerca de como nada sentia e como ainda permanecia com vida.

- Onde quedam os Cinco? - Vinha, novamente, outra das perguntas que o algoz lhe fizera incontáveis vezes.

O serviçal, de não mais que dezesseis anos, mirou o rosto do belo homem de idade indefinível e olhar placidamente vil, que lhe segurava o rosto com as mãos enlameadas de vísceras e do emplastro que impedia o rapaz de sentir dor. Baixou os olhos vendo a outra mão que lhe descobria as entranhas e colhia mais outro tanto da massa orgânica ensangüentada que lhe traçava o destino.

- Minhas... tripas... senhor... - Tentava articular enquanto evacuava descontroladamente e sem sentir mais que o cheiro fétido que exalava. O medo mal conseguia ser maior que a embriaguez provocada pela substância que lhe embevecia as carnes.

Não houve qualquer alteração no semblante inabalável do homem que lhe manipulava os órgãos enquanto o rapaz vertia o almoço parcialmente digerido por sobre as próprias vísceras.

- Tens pouco tempo, criança... O que arquitetam os Cinco? - Questionou novamente a terceira das perguntas com a qual assombrara o rapaz durante horas de tortura.

Não havia o que dizer pois o serviçal nada sabia, mas o homem de beleza taciturna, trajes de nobre e olhar assombroso sequer parecia frustrado ou exasperado pela falta de uma resposta.

Alcançando um lenço ricamente trabalhado na algibeira, limpou com displicência elegante o que restava de sangue e do emplastro. Balbuciou algo, como se fosse uma prece, e viu nos olhos do rapaz o princípio da agonia que o invadia pelo fim do efeito anestésico.

A dor de mil partos começava a se fazer sentir, convulsivamente, no corpo maltratado do torturado e um grito gutural morreria na garganta da vítima, antes de ser proferido, após gesto fantasmagórico do homem que, com habilidade perturbadora, fendeu-lhe as cordas vocais.

Já solto das amarras que lhe sustentavam, o corpo do rapaz tremia em movimentos espasmódicos enquanto testemunhava, na escuridão dos porões da Quinta da Boa Vista, dezenas de carcaças de outros serviçais, que desapareciam à distância, na escuridão, enquanto submergia em sua inconsciência e ouvia cada vez menos da prece obscura recitada por aquele que o eviscerou.

- "...alguns há, dos que aqui estão... alguns há que não provarão do fim até que vejam vir o rebento do maldito no seu reino..."

* * *

Quincas Borba desmontava de seu cavalo, bem como o fazia o criado branco, sobrinho da neta da cunhada da irmã de um amigo torto cujo nome sequer se lembrava. Tentava não parecer soberbo retirando as luvas de fidalgo, empréstimo do amigo Cubas, para quem tinha de enviar uma mensagem importante antes de seguir viagem para Petrópolis.

A passos mais vacilantes que seu ego intentava, sobre o chão de barro úmido do Caminho do Proença, o homem magro, de aparência um tanto frágil e desajeitada, de alguma forma carregava no semblante a autoridade solene, poderosa (e um tanto ridícula) que só uma sobrancelha levemente arqueada e narinas ligeiramente insufladas de nariz sutilmente em pé poderiam conferir a um cavalheiro.

Esqueceu-se da pose ao passar ao lado de curiosa carruagem desatrelada de cavalos que parecia em chamas, fumegando que estava da parte de cima e dado o cheiro de queimado que exalava do veículo. Fungava esperando um odor mais contundente até que o condutor, saltando de sua posição, calmamente, sorriu-lhe um sorriso culpado.

- Este demônio, por onde passa, faz com que o mundo me tome por incendiário. - Disse rindo enquanto abria a portinhola lateral que dava acesso a uma caldeira de consideráveis dimensões. Pelo que entendera Borba, a caldeira era evidência de uma carruagem a vapor, daí a ausência de cavalos naquela monstruosidade.

- Curioso coche este, meu bom homem. - Tentou aparentar autoridade e indiferença ao se referir à diligência a vapor - Cuide para que não se incendeie.

Continuou a marcha pomposa em direção ao pequeno sítio de passeio, que fazia as vezes de parada no percurso Rio-Petrópolis. Havia algo de bucólico no mato cintilante - dada a chuva que se precipitara na madrugada - e nas poças de água avermelhada onde pisaram os cavalos. Seria Bucólico, fosse possível ignorar o odor pungente das fezes amontoadas do gado esparsa e das montarias que estacionavam no local.

Olhou ao redor, coçando as suíças, amuado com um insistente ressoar à distância e, como sempre ocorria, sobresautou-se com repentino estampido que se

seguia ao longo silvo que começava baixo e terminava naquele estrondo de vapor e metais colidindo. Era o Tubolégrafo, justamente a invenção que atraía Borba àquela pequena parada, uma vez que precisava enviar mensagem para o amigo Cubas na capital.

A Companhia Nacional de Tubolegrafia fora fundada dois anos antes, a contra-gosto do Imperador, que queria uma solução mais definitiva e eficiente para a comunicação de longas distâncias. A malha tubolegráfica injetada de vapor, contudo, levava e trazia projéteis com missivas e rolos-de-cera vibrofonográficos para todos os lados, se tornando já uma engenhoca da qual negociantes e nobres cismavam em depender.

Adentrou o salão sob olhares intimidadores de membros da legião de tropas ligeiras, hussardos barulhentos que bebiam por ali e mais uns poucos viajantes que ocupavam outras mesas. Olhou para trás e o rapazola que o acompanhava estendeu-lhe o rolo-de-cera virgem do qual precisaria para a mensagem.

Seu amigo Cubas não costumava levar a sério quaisquer de seus envolvimento com o Paço Imperial e sequer lhe passava pela cabeça acreditar que, quem quer que fosse, confiaria assuntos de Estado a Quincas Borba. Este último, no entanto, talvez por brio e por querer-se reconhecido, fazia-se desconhecer das opiniões pouco elogiosas do amigo que dele fazia pouco.

Homem de filosofias, Borba não era dado a apreciação da engenharia e seus feitos, concentrava-se no sentido da vida e das coisas, mas não tanto das coisas feitas pelo bicho Homem. Aqueles vibrofonógrafos estavam cada vez mais complicados de operar e o da estalagem não era uma excessão, cheio de manivelas, alavancas e braçadeiras.

O Brasil estava cada vez mais cercado de engenhocas, trapizongas e traquitanas mecânicas cuja complexidade, jurava, acabaria por nos enlouquecer a todos. Desde a diligência à vapor, passando pelo tubolégrafo, até o gravador de vibrações sonoras - o tal vibrofonógrafo - tinham em comum os nomes desvairados e um homem incomum.

O tal era exímio guarda-livros, contabilista e homem-de-finanças da Casa Carruthers, além de fundador da Sociedade de Engenharia - seletto grupo

desenvolvimentista dedicado a produção de inventos e engenhos de todo tipo para, segundo ele, "Elevar o Brasil à sua devida condição."

Não discutia o fato de que o vibrofonógrafo tubolegráfico era uma solução engenhosa e que garantia certa confidencialidade. Não havia, afinal, como ouvir de volta a mensagem gravada. Fazia-se necessário um padre vibrofonografólogo para ler as linhas sinuosas marcadas no cilindro de cera com seus monóculos vibrofonografológicos... Enfim, um trava-língua só!

Quando finalmente compreendera as dessemelhanças daquele vibrofonógrafo em particular, desacoplou-lhe o cone-de-palavra, retirou o rolo-de-cera antes virgem e guardou-o dentro do projétil hermético que iria percorrer os quarenta quilômetros de volta até o Rio de Janeiro. A próxima estação de tubolegrafia só em Petrópolis. Como não pudera avisar o amigo de sua partida, seria melhor mesmo avisar de uma vez. Precisava ainda - o que era mais importante - que Cubas lhe fizesse o favor de enviar os Títulos Imperiais com os quais teria, eventualmente, de comprar a paz de Petrópolis caso tudo mais desse errado em sua missão.

Deu o projétil ao criado branco, que o entregou ao homem d'engenho, o operador da catapulta a vapor do tubolégrafo. Logo o silvo comprido e o novo estampido eram sinal de que a mensagem voava pelos tubos de ferro fundido, impulsionada pelos jatos de vapor, até seu destino na Casa Postal da capital.

Transcorreriam pouco menos de três horas até que a mensagem chegasse ao seu destino e fosse encaminhada ao seu amigo. Em umas seis horas, ao todo, Borba teria em mãos os Títulos Imperiais que não recordara de trazer e alguns impérios de Cubas, que certamente o criticaria por sua falta de organização.

Era tempo de sobra para tirar uma pestana e recolher-se a um dos quartos da estalagem, que foi o que fez e, umas seis horas depois, os brados vindos do andar de baixo o fizeram saltar da cama, aprumar-se nos trajés que envergava e verificar as horas.

Se antes os hussardos da cavalaria ligeira estavam bêbados, após as seis horas de recolhimento de Borba eles se encontravam em estágio que ainda não fora batizado. Não costumava ser um entusiasta de grandes festas e algazaras,

portanto seria um tanto incômodo aguardar a cápsula, que logo colidiria com os amparos de cânhamo, colchões duros de lona que reduziam-lhe a velocidade quando de sua chegada.

Desceu as escadas e mal chegara ao último degrau quando um sujeito foi desengonçada e violentamente empurrado para cima dele. Foram ambos ao chão, um negro bem trajado se metendo entre o grupo de hussardos mal encarados e o homem que fora jogado sobre Borba.

- Valentim! - Disse o agredido por entre os dentes para o negro que não estava vestido como escravo - Distribua umas pernadas por estes cabras!

Por um segundo todos os hussardos se entreolharam e recuaram com receio da dança dos negros que fora proibida na capital. O negro Valentim fez uma pose desajeitada que prontamente deixou os cavaleiros desconfiados.

- Capoeira sei não, patrãozinho. - Disse olhando para o patrão que se levantava.

Os gritos crescentes fatalmente iriam resultar em investida contra ambos os perseguidos, até que Borba, esgoelando-se em línguas e fazendo poses das mais estranhas, terminou, para espanto dos hussardos estarecidos, segurando o pé esquerdo com a mão direita e a outra mão diante do corpo, colocando-se entre eles e a vítima.

Falando em um arremedo de sotaque indú, que mais parecia uma mistura de catalão com português-luso, Borba sustentou a postura bizarra enquanto proferia ameaçadoramente - Estan fossês djante d'um brigator d'Vjaramushti! - bateu no chão com força o pé que estava segurando, para então assumir outra postura esquisita - Milenar art'marcial d'golpes letais!

Circulando-os lentamente qual um louva-deus embriagado foi conduzindo a mais de meia dúzia de soldadecos, que recuavam sem saber se da arte desconhecida ou do louco furioso que fazia carrancas enquanto falava com o sotaque insólito.

Após mais um passe orquestrado para intimidar os cavaleiros, Quincas fez breve sinal para Valentim e seu patrão, que foram se esgueirando pelo lado dos

hussardos. Quando notaram a estratégia dos fujões quase não notaram que era tarde demais.

Por um momento o som de metal contra metal e o silvo familiar chamou sua atenção e olharam para o lado. Estava diretamente sob a mira do tubolégrafo que já fumegava e trepidava.

O meganha que recebeu o projétil nos flancos atirou, graças ao violento impacto, seus comparsas em direção do amparo de cânhamo e foram todos ao chão, enquanto Borba corria para fora, seguido pelo criado que ainda teve tempo de recolher o projétil com a resposta esperada.

Não conseguira agarrar o projétil atirado pelo criado, que ficara para trás, e teve de se contentar em conseguir se pendurar na carruagem sem cavalos, que já acelerava em direção à Petrópolis. O homem que salvara, segurando-lhe a mão, enterrava a cartola na cabeça - Irineu Evangelista de Sousa às suas ordens!

- Quincas Borba aqui, ou o que restou dele, já que deixei minh'alma diante do que quase sucedeu ali dentro!



Segundo

O sangue vertia generosamente de suas mãos enquanto se afastava do sítio de passagem, mas não era seu.

Atrás dele, os rastros de vidas que foram tomadas, eram absorvidas pela estrada de barro do Caminho do Proença, que ligava a capital a Petrópolis.

Seguindo os vestígios escarlates e passando pelo beiral da porta desaprumada, encontrava-se a última vítima, o pulso atirado para fora da estalagem, a boca escancarada empoçando o próprio sangue.

A cena se repetia a cada par de metros, corpos de hussardos, homens d'engenho, estalajadeiros, mulheres - as últimas, as penúltimas e as anti-penúltimas presas... nada daquilo representara qualquer desafio ao poderoso oponente que desaparecia na noite.

Os degraus da escada disputavam qual exibia mais funestas obras de arte pintadas com o sangue, a carne e a gordura de três cadáveres que, há alguns minutos, haviam descoberto a primeira vítima.

Já no andar de cima, em um dos poucos quartos, uma cadeira revirada ladeava a carcaça lacerada, besuntada de incomum geléia viscosa, violeta e que se misturava ao sangue que vazava do corpo inerte.

Os olhos arregalados e esgazeados do jovem e anônimo sobrinho da neta da cunhada da irmã de um amigo torto cujo o nome alguém sequer se lembrava, miravam uma das mãos, de dedos fraturados que jaziam sobre uma folha de jornal amassado, sobre o qual escreveram com o próprio sangue: "Quincas Borba".

Tudo ocorrera mais rápido do que a dignidade permitia. Nada ocorrera por algum motivo que qualquer dos falecidos compreenderiam.

Sucedeu o seguinte...

Um jovem anônimo conseguira pedir guturalmente que o acudissem de sua tortura, enquanto tossia suas vísceras, após entregar, a contra-gosto, o próprio patrão; três brutamontes foram em seu socorro, arrombando a porta do quarto, apenas para serem atirados, estripados, pelas escadas da estalagem; duas criadas berravam ao sentirem os respingos de sangue as alcançarem, para quedarem em seguida sobre os próprios corpos lacerados; os donos da estalagem, armados de peixeiras acabaram por ser obrigados a retalhar a si mesmos, subjugados pela força de seu algoz; homens d'engenho, munidos de ferramentas pesadas, tiveram as pernas quebradas e os crânios desvendados; e o grupo de hussardos, confiantes e truculentos, submetidos a habilidade superior de um oponente absolutamente desumano, soçobraram par a par com violência.

O último hussardo tentara ainda alcançar o desconhecido, antes de perecer com uma das mãos para fora da estalagem.

Tivesse restado algum Cristão para seguir os rastros de sangue alheio pela escuridão da noite que caía, teria divisado, após algumas dezenas de metros, a ameaça de trajes arcaicos e semblante soturno, que segurava as rédeas da montaria negra como a noite, por sobre a qual escorreria o farto sangue de vítimas ignorantes dos motivos de sua aniquilação.

- "...alguns há, dos que aqui estão..." - ouviria a testemunha inexistente daquela chacina - "...alguns há que não provarão do fim até que vejam vir o rebento do maldito no seu reino..."

* * *

- Aos infernos com aqueles brutos! - amaldiçoou Valentim, visivelmente perturbado pelo incidente que ocorrera já havia algumas horas.

O desabafo do ex-escravo - que fora comprado e liberto por Irineu Evangelista de Sousa - em meio aos barulhos da diligência a vapor em que eram passageiros, funcionou como estímulo para que os outros dois saíssem do estado em que ficaram após toda a tensão da fuga.

Quincas Borba acabou sendo o primeiro a falar - O que diabos fizeste para que os meganhas lhe atacassem?!

Irineu avaliou o interlocutor de cima a baixo e colocou - Irmão da Ordem, presumo...

Borba surpreendeu-se e estendeu a mão à Irineu, cruzando um aperto de mãos que lhes dizia o que precisavam saber - Por certo que sim, irmão! Mas não o reconheço.

Valentim, que ouvia o diálogo críptico, meteu-se - Não é esse um Irineu qualquer, senhor-doutor, mas "o" Irineu Evangelista. O das concessões imperiais do ferro, do vapor e da indústria.

- Oh! - Sobressaltou-se Quincas Borba, perdendo o prumo momentaneamente - Eis que, diante de mim tenho o irmão responsável pela Sociedade de Engenharia e pela Companhia Nacional de Tubolegrafia!

- Hoje deste nova serventia à um instrumento de comunicação, companheiro. - Riu-se Irineu, que não parecia homem de rir-se tanto - Transformaste meu tubolégrafo em canhão de praça!

Valentin, visivelmente consternado com a fuga, esticava o pescoço constantemente para fora da diligência, enquanto a noite ia caindo no Caminho do Proença. Em dado momento resolveu sair das dependências de passageiro e subir pela portinhola do teto para, excessivamente precavido, vigiar a retaguarda.

- É uma honra conhecê-lo, doutor Irineu.

- Não sou doutor, senhor Borba... e aí está parte do motivo. Sou homem simples mas de grandes ideais e nenhuma boa intenção passa despercebida da má fé. - Pareceu repassar parte da própria vida enquanto divagava brevemente - Tudo o que venho conseguindo até aqui se deve à fraternidade da ordem.

Borba entendera logo. A Maçonaria vinha conquistando adeptos havia algum tempo e, muitos deles, eram candidatos em potencial para o Gabinete Ministerial, o que acabara dando bastante poder à Ordem, sobretudo porque seus membros levavam à sério sua condição de irmãos trabalhando por um bem comum.

- Julgam-me um aventureiro, amigo. Ressentem-se do fato de que foi a Maçonaria a patrocinadora ideológica de meus projetos, dos caminhos que

imagino para nosso grande país e, o que é pior - E então pareceu ainda mais preocupado - Com estas revoltas liberais que ocorrem em todo canto para depor a monarquia e fundar uma república a desconfiança paira sobre a Ordem e, conseqüentemente, sobre mim.

- Bastante, muito ou quase tudo do que se passa, passa pelas mãos de irmãos... não me admira vejam a Ordem como ameaça - Lamentou-se Borba.

- Sobretudo depois que os separatistas da Ordem conspiraram em favor da Farroupilha e da Proclamação da República Rio-Grandense. - Menenou a cabeça negativamente, refletindo - Já há quase 10 anos de escaramuças rotas, batalhas maltrapilhas e guerras esfarrapadas.

Borba tentou consolar o novo amigo - O Império não vê que há cisão de opiniões na própria Maçonaria, companheiro... mas isso passa. Tudo passa. No mais, fosse o Brasil um campo de batatas, haveria batatas para todos, o que é bastante auspicioso.

- Pois bem, mas foi isso então que fez os cavaleiros investirem contra nós. - Decretou Irineu sem prolongar-se na política das coisas - Há um quê de providência em sua aparição.

Quincas não controlou a gargalhada - Pois não sabes, por assim dizer, da missa a metade! O mundo acaba no dia de amanhã e vós estais a me insinuar a Divina Providência!

- Se divina não sei, providencial por certo que foi! Mas que história é esta de o mundo acabar, Quincas?!

Fosse aquela uma missão secreta, e não apenas discreta, Borba nada mencionaria, mas à um colega Maçom de tão nobre conduta resolvera não se furtar a contar a que iria até Petrópolis.

- Se passa que há um culto encruado na cidade de Petrópolis, senhor Irineu... mas comecemos pelo início, que é tão bom lugar quanto qualquer outro, mas que é sem graça o suficiente para não se postar entre o ouvinte e o que se conta...

Irineu imergiu na história contada por Borba que, embora prolixo e de maneiras rebuscadas, sabia encadear competentemente uma narrativa. E o que dissera era que tudo começara em 1835, quando um pastor batista chamado William Miller previu, baseado em conhecido método de interpretação da literalidade Bíblica, que Jesus Cristo retornaria no ano-Judeu de 5604, mais especificamente em 21 de Março de 1843, segundo o calendário Gregoriano.

- Com efeito! Estamos a 1844, Borba. Não deveriam ter os devotos largado de lado esta fé?

Borba explicou então, em meio ao jogar da carruagem, que a previsão era antes um intervalo que uma data precisa e que tudo aconteceria entre 21 de Março de 1843 e 21 de Março de 1844, sob novo protesto de Irineu.

- Já é Outubro, por Deus!

Após mais estudos, segundo Borba, usando calendários Judeus Karaítas no lugar dos calendários Rabínicos, Miller teria adotado o dia 18 de Abril de 1844 como a nova data do fim dos tempos, o que não ajudou seu interlocutor a resolver o teorema em suas idéias.

- Pois bem que se não ocorreu nada de Março a Março eis que surge Abril em socorro da hipótese e, no fim, continuamos em Outubro!

Paciente, Borba concordou que havia um erro, mas continuou pelo fio da história, dizendo que após a passagem do dia 18 de Abril sem o retorno do Cristo, em jornal de um partidário das idéias de Miller, foi publicada uma notícia confessando os erros de cálculo e presumindo que, independente dos equívocos, estariam próximos os fins dos dias.

Enquanto Irineu Evangelista parecia contrariado com a quase-fábula, Borba continuou contando que a semente estava lançada e que uma diversidade de novas hipóteses começaram a emergir das mais diferentes fontes. Em Agosto, em complexa teorética em tipologia escritural, o ex-cético e Millerita convertido, Samuel Snow, apresentara suas conclusões acerca de uma nova data que ficara conhecida como a "Mensagem Septuamestral" ou o "Real Pranto da Meia Noite".

- Sim... porque quando nem a matemática ajuda a melhor forma de convencer o desavisado é conseguir alguém que perdeu a fé na reflexão para ganhar a fé no que se deseja corroborar! - Retorquiu Irineu, cada vez mais frustrado com a obra de arte que era o Homem - E qual data forneceu esta epítome da determinação científica?

- E é aí que eu entro... - Sorriu-lhe Quincas Borba um tanto sem jeito - ...pois que a nova chegada de Jesus Cristo está prevista para o vigésimo segundo dia do décimo mês do milésimo octocentésimo quadragésimo quarto ano de nosso-Senhor. Mais conhecido como o dia de amanhã!

Irineu não pôde controlar a inadvertida palidez que se apossara dele, posto que mesmo sendo ele um cético, marcar o advento do fim das coisas para o dia seguinte não parecia dar muito tempo sequer para duvidar.

Borba levantou as sobrancelhas, triunfante - Como vês, basta um bom contador de histórias para fazer os pelos da nuca se arrepiarem um tanto. Fosse o irmão um crédulo no lugar de um cético o que presume que aconteceria?

- Mormente a gravidade da assertiva, imagino que há muitos que abraçaram a fé em cada anúncio do fim do mundo.

- De fato. - Começou Borba, já parecendo preocupado e não meramente contente com sua proeza dialética - No entanto, apesar da crescente quantidade de adeptos nas colônias britânicas e na Europa, no Brasil as coisas se deram de outra forma, sobretudo quando veio a tal da "Mensagem Septuamestral" e a discussão está sendo feita na ponta da faca, com acusações sendo trocadas sobre se houve charlatanismo, de quem é a culpa do não retorno do Cristo ou mesmo se o mundo, na verdade, já acabou e estamos agora, aqui, vivendo o inferno dos últimos dias.

- Mas o que o Paço Imperial supõe que possas fazer a respeito?

- As manifestações dos devotos parecem estar escalando e a situação na cidade vem ficando complicada em termos de segurança. Para tornar a situação ainda mais complicada oportunistas estão se aproveitando dos debates mais efusivos para a estes converter em hostilidades e causar arruaça. - Quincas lembrava do

projétil com os títulos, que acabara caído na estrada de barro do Caminho do Proença, léguas atrás - Meu papel seria uma tentativa diplomática de interceder junto aos líderes do grupo, nem que através do suborno... mas sem os Títulos Imperiais que meu amigo Cubas teria me enviado da capital as coisas vão de mal à pior!

Valentim voltou para seu assento no interior da diligência, o rosto coberto por fuligem e poeira - Ninguém seguiu a gente não, patrãozinho. - Afirmou sem perceber preocupação ou alívio ecoarem nos dois outros passageiros - O senhor faz tanto por essa terra que deviam lhe fazer barão!

Irineu Evangelista sorriu, já sonolento, sem levar a sério o criado.

- Barão... que mal há? - Questionou Quincas Borba, displicentemente.

- Isso! Barão de Mauá! - Profetizou Valentim, um sorriso triunfante no rosto.

Os olhos do Barão em potencial já estavam providencialmente serrados.

- Não foi isso... - Tentou corrigir preguiçosamente Borba, para então perceber que o negro liberto saía novamente pela clarabóia do teto.

Já seria noite alta quando chegassem em Petrópolis e Borba sabia que teria de madrugar para contatar pastores e representantes Milleritas. Não havia muito mais o que fazer senão esperar e o trabalho constante das correias, engrenagens e da caldeira da diligência de Macerone e a viagem acabou por embalar o sono dos dois Maçons, enquanto o veículo à vapor ganhava o Caminho do Proença até a Cidade Imperial.



Terceiro

A madrugada se avizinhava, na sede da Sociedade de Engenharia, enquanto o cocheiro da diligência sem cavalos provavelmente refletia sobre a própria vida, sobre os cavalos presos no estábulo e sobre se as carruagens, algum dia, passariam a andar sozinhas.

Dadas as suas experiências na bela sede de dois andares, não seria de se admirar se, mais dia menos dia, os homens d'engenho do senhor Irineu Evangelista fizessem possível uma diligência capaz de ir até a capital sem a necessidade sequer de um condutor, uma vez que, dos cavalos, já haviam se livrado.

Pareceu moderadamente preocupado, até afastar as idéias mirabolantes de sua mente - esta quase sempre imune a maiores metafísicas - e continuou o trabalho de recolher a carruagem para dentro da sede.

Ouviu um barulho incomum do lado de fora, mas ignorou-o, como a distração nos requisita fazer, começando a fechar os portões, sem notar que, de algum modo, a noite parecia subitamente mais negra enquanto a figura sombria se aproximava, a capa esvoaçante graças a brisa leve da noite.

Não vira seu destino chegando e fechou a segunda porta, como sempre, sem preocupar-se com nada além do próprio trabalho e com os devaneios prosaicos que, a distância, não poderia desvendar qualquer narrador da cena que se desenrolava.

O celerado torturador cometera a chacina da quinta do Imperador; ganhou terreno à faca, em busca de seu propósito; e, agora, se acercava do cocheiro, que desembarcara da diligência a vapor, cujos rastros seguiu desde a estalagem na qual violara, de forma abjeta, a pele de suas vítimas.

Um observador fortuito encontraria dificuldade em interpretar os motivos de seu desassossego intenso ao ver o vilão que se achegava, sobretudo quando usasse o rebenque que carregava para arranhar lentamente as portas de madeira.

A luz mortiça das lamparinas, do lado de dentro, concorriam com a que era carregada pelo cocheiro que, naquele momento, devia ver justificado seu distraído receio acerca do ruído peculiar que ouvira pouco antes de fechar as pesadas portas... devia refletir, àquela altura, que era preciso tomar conhecimento de quem estava aos portões.

Com um empurrão esforçado, o cocheiro destrancou e entreabriu o ádito para, tímida e cautelosamente espiar e, então, colocar meio corpo para fora da sede, já buscando as chaves para trancar-se novamente do lado de dentro caso necessário - mas não teria tempo de fazer mais do que resfolegar-se quando seu captor o arrancou de dentro de onde estava para escorá-lo nos portões.

Estivesse o narrador a mais distância não teria percebido o breve interrogatório ao qual o sujeito, ameaçador em sua capa negra e nos bruscos movimentos, impingia à sua vítima. Não seria possível também ouvir as respostas nervosas ou o semblante apavorado do interrogado... mas ficaria claro o que aconteceria depois, se nada fosse feito.

O desumano homicida ordenou ao cocheiro que abrisse a porta e se colocasse para dentro mas, em um arroubo de bravura, talvez para evitar que o facínora tivesse acesso à casa, escorregou a chave para dentro da fechadura, trancou-a e tentou usar o peso do próprio corpo para para partí-la. Sendo antes impedido por um assombrosamente rápido movimento do corpo e das mãos do agressor, o fiel servidor foi punido com um poderoso impacto no peito que o fez perder o fôlego.

Destrancado novamente, o portão foi aberto apenas o suficiente para que o funcionário fosse arremessado para dentro, seguido pelo perverso indivíduo, que trancara tudo atrás de si.

Por mais que não se conformasse com o destino do leal empregado, um eventual narrador não poderia fazer mais do que, talvez, correr em direção a casa e chacoalhar as portas, chamando a atenção de uma alma que estivesse por lá

para ouvi-lo, olhando pelas frestas dos portões para divisar o destino da pobre vítima.

O cominador e taciturno cavalheiro olhou para trás - como que tendo ouvido algo - entretanto, em seguida, continuou em sua jornada à meia luz pelo abrigo da carruagem a vapor, pela qual os dois passavam, indo em direção à porta interna de acesso ao casarão.

Qualquer narrador mais participativo teria tentado circundar o palacete para avisar os ocupantes do que estava para acontecer mas, na condição de relator, teria dificuldades em se descuidar do mártir que era forçado para as intimidades da moradia e, provavelmente, acabaria investindo em ajuda nas residências próximas até que, de súbito, ouvisse o estrépito por detrás dos portões. O ruidoso evento foi seguido dos sons de carne contra carne, ossos se quebrando e do ciciar quase indistinto do ar cingido por uma lâmina cujo alvo derradeiro seria previsível.

Pouco depois saíam, algoz e presa, pelos portões, o segundo seguro em uma das mãos do precedente, a cabeça mal vinculada ao corpo flácido, dependurada apenas por uma traquéia surpresa, que não poderia supor os motivos de o agressor ter se atrevido a ceifar o agredido de sua existência pela nuca ao invés de por carnes mais tenras.

Certamente - intuiria um romântico narrador - tentara o leal funcionário a mesma proeza anterior e, ao seguir partindo a chave à fechadura da porta interna da casa, perdeu a vida após ser bem sucedido em seu intento, não sem posteriormente sofrer as fatais consequências.

Fracassara em forçar a entrada na sede, graças a bravura inconseqüente de um cocheiro fiel, no entanto entregaria mais um à cova.

Enquanto se afastava da propriedade, o insidioso carrasco balbuciava algo, cuidadosamente derramando o conteúdo de um cantil por sobre o líquido rubro que vertia do corpo inerte de sua vítima.

* * *

- Seja razoável, homem! - Dizia firmemente Fulgêncio, como jamais falara com o "senhor-doutor" Himes - Tenho cá responsabilidade por mais de seis vintenas d'almas devotas nas cercanias de Petrópolis! Respostas se fazem necessárias! Já não sei o que dizer para essa gente toda, Doutor!

O norte-americano olhava-o por sobre os óculos como só os confiantes conseguiam fazer. O ar de superioridade latente somado à imponência que persuade qualquer incauto mais suscetível.

Himes respirou profundamente, olhando para as botinas lustrosas do pastor Fulgêncio Corrêa da Silva, o "bastardo dos Corrêa", que porcamente pertencia à família responsável pelo sucesso da recém fundada cidade - Perdeste a fé?... - Proferiu, em sua voz mais grave, estendendo as palavras com sotaque, como se a inquisição viesse de dentro de um túmulo estrangeiro.

- Nã-não, Doutor Himes! - Diminuiu-se Fulgêncio, que jamais conseguiria se impor a representante tão ilustre da crença que se instalara em Petrópolis e em tantos lugares do mundo.

A cidade era jovem. Fora fundada um ano antes, a 1843, pelo Imperador D.Pedro II, cujo pai caíra de amores pelo clima, uma década antes. Cobiçara, o pai do Imperador, aquelas terras para a construção de um mais adequado palácio e tentara comprar de todo modo as terras de seus donos, os Corrêa da Silva. Eventualmente, não conseguindo adquirir as terras do Padre Corrêa, comprou as do Córrego Seco e imediações, o que acabou sendo chamado de Fazenda Concórdia.

O que veio a se tornar a Povoação Palácio de Petrópolis fora portanto mais uma das paixões de D.Pedro I que, deixando as terras em testamento, acabou por fazer o Imperador herdar também a aquele entusiasmo.

A cidade contava com a Igreja São Pedro de Alcântara, um cemitério, a Vila Imperial - de quarteirões planejados - e com o Palácio Imperial da Concórdia, cuja construção já se arrastava havia muito, desde antes da fundação da cidade.

Apesar de nova, Petrópolis era uma promessa... Uma promessa Imperial! E como a promessa Imperial que era, acabou por atrair colonos empreendedores,

homens de negócio e gente da nobreza, alguns atraídos especialmente pelo clima europeu. Mas o que de fato fazia de Petrópolis um lugar incomum era o ideal de assentamento anti-escravagista, unicamente ocupado por homens livres e cuja lida era remunerada.

Petrópolis, enfim, era tida como uma cidade com vistas para um futuro que os mais míopes não conseguiam divisar.

Por outro lado, em berço tão progressista, floresceu a semente do Milleritismo. Comadres, doutores, homens de lavoura e d'engenho, agora aguardavam o retorno do Messias... O retorno do Cristo... Nenhum contrasenso haveria nisso, não tivesse a crença como consequência o fim do mundo.

- O futuro da cidade e dos seus, Doutor, depende do... - tentou humildemente.

- O futuro não é mais relevante, Fulgêncio! - Vociferou o sempre ameaçadoramente contido Himes - O Armagedon não tarda a desenrolar-se e o senhor se concentra em bobagens?!

Notando a momentânea confusão do pastor, Himes concluiu - O Apocalipse, Fulgêncio! O Apocalipse! - Perdia já a paciência. Não tinha o costume de ser questionado, sobretudo pelos rebentos de lusitanos frouxos.

Discursou mais um tanto até exorcizar toda a confiança do brasileiro e fazê-lo sair de seu escritório de livre e espontânea vontade.

Sabia, contudo, que Fulgêncio estava certo. As coisas já saíam do controle e, se até mesmo os pastores do Milleritismo questionavam a data marcada para o retorno do Cristo, como poderia esperar que os devotos permanecessem convictos?

- Pode falar o que lhe vai à cabeça, Visconde... - Forçou-se a dizer para o nada, se dirigindo ao convidado oculto, enquanto vertia o Porto em um cálice de cristal russo.

O político saiu da sala contígua e intencionalmente escura, mal fazendo mover as cortinas, o semblante sereno dos poderosos. Se Himes era um pastor riquíssimo

e influente dentro do Milleritismo o Visconde era ainda mais abastado e sua autoridade emanava do Ministério.

- Estás a perder os seus. - Decretou o Visconde, o postulado não permitindo contra-argumentos ou réplicas.

Por um momento Himes refletiu sobre como responder àquilo, mas deu-se por vencido ao entender, muito a contra-gosto, que seria uma discussão fútil e que aquele brasileiro experiente na política o subjugaria em poucos movimentos caso tentasse um embate dialético.

- É verdade, Visconde. - Foi tudo o que pôde dizer.

- Este empreendimento... - O Visconde gesticulou em direção aos aposentos, referindo-se à gráfica que imprimia os três jornais mantidos pelo Milleritismo no Brasil - ...não se sustenta, nem tampouco permanece interessante ao Conselho de Ministros.

- Mas, Visconde!... - E soube que nada mais podia dizer, depois daquelas palavras, por força de um gesto sutil dos dedos do político ao lado do corpo, bem como um ligeiro meneio de cabeça.

- O senhor sairá do país amanhã pela manhã, após seguir, à risca, as instruções deste manuscrito. - Notou o terror nos olhos do publicista e continuou, firme - Para todos os efeitos o mundo acaba no dia de hoje, senhor Himes. Use do pavor que sente para convencer ao bastardo e aos seus, de que o Cristo desce à Terra hoje, ou que, por outra, não virá por bom motivo... Faça como ordenam as palavras do que tens em mãos.

O poder de Joshua Vaughan Himes efluía do sucesso de suas publicações, que começaram a ser editadas a partir de 1840, muito embora o próprio Himes só tivesse conveniente e abertamente "abraçado" a crença de William Miller a partir de 1842.

Desde então as publicações Milleritistas começaram a ser distribuídas em Montreal, Filadélfia, Rochester, Cleveland, Boston, Nova Iorque, em algumas esparsas cidades européias e, no Brasil, a partir de Petrópolis, esta usada por

Himes, em suas publicações locais, como a cidade mais importante da Imperial Nação Brasileira.

Publicações Milleritas, dizia-se já na América do Norte, "eram mais comuns que o pão sobre a mesa dos pobres ou o dinheiro na algibeira dos ricos", e a afirmação não estava longe de ser verdadeira, posto que a operação editorial de Himes contava com mais de cinquenta publicações no mundo todo.

Tratava-se de uma das mais ambiciosas operações editoriais da história do Homem, com periódicos cujos alvos eram diferentes demografias, geografias, gêneros e idades, o que fez com que, até 1843, mais de vinte mil cópias fossem publicadas por semana. Nova Iorque, no período de cinco meses, no primeiro quartil daquele ano, somara seiscentos mil exemplares distribuídos.

Com a crescente demanda estimulada pela afluência de novos adeptos e dado o fascínio exercido pelos próprios periódicos naqueles que os tinham em mãos, no mês de Dezembro do ano anterior tiveram de imprimir uma tiragem de um milhão de exemplares e, até maio do ano corrente, foi necessário chegar à surpreendente tiragem de cinco milhões.

O Milleritismo, fosse ou não baseado em uma profissão acertada acerca do retorno do Cristo, se transformara no maior, mais sigilosamente corrupto e escandaloso esquema editorial de todos os tempos, subornando altos funcionários do governo e estendendo sua influência por uma absolutamente colossal quantidade de crédulos ou apenas receosos consumidores.

Sua operação, iniciada em Petrópolis, no ano anterior, contava com a boa fé dos Milleritas, a despeito de mais uma imprecisão profética mas, ao que parecia, a dúvida se instaurara neste país de nobres ignorantes, aristocratas estúpidos e luso-brasileiros covardes de uma forma alarmante e irremediável.

Algo tinha de ser feito.

Himes meneou positivamente a cabeça, se sujeitando às instruções dos Ministros envolvidos. Já contabilizava quantos exemplares deixaria de negociar após cessar as operações de impressão e distribuição das tiragens que eram produzidas em Petrópolis.

Uma batida na porta fez com que o Visconde se recolhesse novamente para detrás das cortinas - Doutor Himes... Um senhor da capital deseja falar-lhe com urgência. - Foi o que disse o secretário do pensativo publicista, que permanecia pesaroso por não extorquir até o último centavo dos bolsos de crédulos brasileiros.

Fez sinal para que entrasse o visitante, enquanto mirava o relógio de mesa que lhe dizia o adiantado da hora.

O enxovalhado que entrara parecia ter algumas posses, entretanto, dada sua aparência amarrotada, devia ter vindo da capital às pressas para lhe falar.

- Boa noite... Digo: Bom dia, senhor Vaughan Himes, e mil desculpas pelo avançado da hora, mas preciso lhe falar sem demoras e não tive como chegar-me à cidade antes.

Mirou a mão estendida do delgado visitante, avaliando-lhe a aparência para além dos andrajos, percorrendo-lhe os botões trabalhados, a corrente dourada do relógio de bolso e as suíças cansadas, porém muito bem aparadas. Decidiu apertar as mãos do intruso anunciado.

- Meu nome é Borba, senhor... Quincas Borba. - E, com a outra mão, estendeu-lhe uma missiva com o selo da Casa de Bragança - Venho a pedido do Conselheiro Josino do Nascimento Silva e sob ordens do Império.

Himes não sabia se era sua imaginação ou se de fato percebia o empertigar do Visconde na sala contígua, por detrás das cortinas, enquanto a figura poderosa, com ódio, desgosto e agravo, recitava, de si para si: "Maçom..."

Continuou Borba - Se faz mister que se deixe claro que o senhor Antônio Francisco de Paula de Holanda Cavalcanti de Albuquerque, o Visconde de Albuquerque, ex-Ministro da Marinha, atual Conselheiro de Estado e Senador do Império, estava presente e chancelou esta missiva como instrumento eminentemente momentoso diante do quadro em potencial.

Não seria difícil, para Himes, imaginar o que se passava na mente do oculto Visconde, na sala ao lado, enquanto o visitante nomeava o Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil. Impugnado, contrariado e suplantado repetia, de si para si: "Maçom..."

E prosseguiu Borba novamente - Venho ainda municiado com este bilhete do venerável Joaquim Gonçalves Ledo, seu colega de profissão, ex-editor do Revérbero Constitucional Fluminense, ex-deputado da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e redator do Manifesto de 1832. Seu conhecido pediu-me comunicar que entenderia como favor pessoal que considerasse seriamente a grave petição que tem em mãos. - E estendeu mais este documento ao interlocutor.

Gonçalvez Ledo era pessoa querida, conhecido seu e renomado colega de profissão que considerava um dos poucos homens admiráveis daquele país de pretos... não obstante era previsível que o Visconde, na outra sala, retorcendo-se por detrás das cortinas, articulava, inaudível, ultrajado e sôfrego: "Maçom..."

Não era segredo que a Maçonaria cada vez mais impingia seus influentes signos por sobre a política Brasileira e que, não tardaria, teria a maioria no Conselho de Ministros, podendo fazer e desfazer o que fosse de seu gosto com aquele país de borra-botas.

Estudou o conteúdo do bilhete, cujo remetente era o velho colega, confessamente comovido pela mensagem do sexagenário, exonerado havia quase dez anos. Só então abriu a missiva Imperial, quebrando o selo, em cera vermelha, com a chancela dos Bragança nele estampada.

A proposição concorrente do Imperador iria diametralmente de encontro a ordem do corrupto Conselho de Ministros - composto pelo Visconde Feitosa, oculto na sala ao lado, e por seus Ministros comparsas, que perfaziam o grupo que mais lucrava com a publicação e distribuição dos periódicos Milleritistas no Brasil.



Quarto

O padre fora compreensivo ao deixá-lo entrar no templo àquela hora da madrugada, já nem tão compreensivo quando Borba disse não ser Católico, mas que havia de chamar o Criador a ter dois dedos de prosa já que, mais tarde, se supunha que seu filho retornaria ao planeta.

Não entendia aqueles brios Cristãos, entretanto admirava o homem pio da mesma forma que admirava uma ave rara. As belas plumas atraíam outras aves mas, invariavelmente, por debaixo das penas, sofriam todos da mesma moléstia de serem a mesma coisa: um pássaro estúpido no qual as plumas vicejavam.

Nada tinha contra a Igreja Católica em si e sequer culpava a atual administração pelas atrocidades cometidas por administrações anteriores. Suficientes perversidades haviam sido cometidas em nome de ciências e filosofias várias, ao ponto de nenhum dos lados desta discussão infrutífera poder fazer mais do que calar-se.

Vinha ao modesto templo de São Pedro de Alcântara, àquela hora da madrugada, para ter com aquele deus que diziam onipotente, onisciente, onipresente e, entretanto, indetectável. Fazia-o por puro senso de responsabilidade e sem qualquer temência, filósofo descompromissado que se considerava.

A nave, como os fiéis chamavam o extenso corredor até o altar, era modesta, como Borba achava mais apropriado, no entanto, sabia, estava planejada uma ampliação da igreja que fora erigida diante do Palácio Imperial da Concórdia ainda em construção. Imaginava se o deus Cristão do novo testamento discordaria do deus Judeu do velho testamento, no que se referia àquela expansão do templo.

Ganhou o corredor, na penumbra de velas mortijas, até se colocar diante do altar e se dirigir, sem pudores ou deferências perceptíveis, diretamente ao deus de Abraão - Digamos que exista, portanto, vossa excelência. Chega teu filho hoje,

logo mais, ao fim do dia, correto? - E fez uma pausa para esperar uma resposta ou, quiçá, um sinal.

- Pois bem... - Continuou como que falando à um compadre - ...vejo que estás tímido. Tens a fama de não gatares lá muito tempo com quem não tem tantas inclinações em crer em tua pessoa, entretanto, saiba que não tenho predisposições em contrário tampouco, o que me parece bastante sensato de minha parte.

Fez mais uma pausa, aguardando advento que não tinha esperança de ocorrer, contudo sem qualquer certeza de que não sucederia - Vê... preciso de ti, se me permite a ousadia, que tomes certos cuidados caso venha, de fato, o teu filho à Terra. É preciso que sejamos realistas e que tenhamos em mente a singeleza de espírito... sem trocadilhos, claro... dos teus devotos que, afinal, vêm aguardando este momento faz já um tempo, com numerosas antecipações proféticas malfadadas.

- Peço, portanto, um favor... Não em meu nome... - Explicou para o nada, mas olhando brevemente, de soslaio, para o crucificado - ...mas em nome daqueles que são pios na idéia de que não cometes erros, o que, cá entre nós, ambos sabemos que não é corroborado por fatos documentados.

Colocou as mãos para trás, uma segura na outra - Há muitos "ismos" pelo mundo afora e, para que retorne você, seu filho ou essa pomba que nunca entendi, será preciso desfazer a crença de tantos outros devotos de tantos outros credos. - Descruzou as mãos de detrás do corpo e colocou-as às cadeiras - Creio que me entendes... se de fato existes. Me parece que me entenderia, sendo o tal único deus e tal, como dizem as brochuras...

- Estás cá conosco...? - Começou a perguntar e sentiu-se momentaneamente cansado daquilo - Não sei se me ouves ou se está em outro canto a ouvir devoto teu. Isto é um tanto patético para minha pessoa, mas passo por cima de minha vaidade intelectual para pedir, portanto, que venha a nós o vosso reino, ou não, e que seja feita a tua vontade... mas com ternura. Porque tens umas fábulas para lá de desastrosas naqueles livros teus e, afinal, meu intento aqui é apaziguar as coisas em nome do Imperador, cujo poder, dizem, emana de ti.

Escorou a botina em um dos genuflexores, ainda de pé, e sentou-se em seguida, as mãos inadvertidamente unidas as quais, rapidamente, desuniu, olhando em redor para certificar-se que ninguém teria interpretado aquilo como oração.

- Estamos entendidos então, vossa máxima magnitude? - Disse com pompa e respeito sem parecer, ao menos para si, ridículo em sua solene inépcia - Apenas... tome cuidado para não quebrar as louças da casa, é o que digo. - E deu um sorriso de cumplicidade seguido de uma piscadela em direção à grande imagem de Cristo.

Não ouviria o suspiro de desaprovação que ecoaria pelo corredor da igreja enquanto se afastava do altar.

Altivo e orgulhoso de si mesmo por ter tido audiência - ou não - com o deus cosmogônico, continuou para a saída até que, em um dos ornatos de certa parede, entre colunas e arcos do lado esquerdo do templo, identificou algo que lhe chamou a atenção.

Continuou em direção ao interior do complexo, subindo por uma estreita escada e indo em direção a uma sacada que ladeava o corredor dos claustros sacerdotais. Novamente identificou, desta vez no corrimão, o signo grego escrito na pedra e que se evaporava rapidamente.

Não era a primeira vez que lhe contatavam e faziam-no perambular a esmo por construções sombrias mas, certamente, não tinha idéia de que os encontraria tão longe da capital do Império.

O símbolo era como que uma letra "o", iniciada em sentido horário pelo lado de cima e que, quando o calígrafo quase alcançara novamente seu cimo, teria decidido por descer com a pena, cortando-a verticalmente. Era a vigésima primeira letra do alfabeto grego, um "phi" minúsculo ou, como seu contato lembrara certa vez: a Razão Áurea.

A luz da lua, semi encoberta pelas nuvens em constante movimento, lhe provocava calafrios, junto com a temperatura daquela cidade quase européia. Nada disso ajudava-o a sentir-se menos receoso.

Sobresaltou-se com o revoar de aves que deveriam estar dormindo e que foram assustadas por alguma coisa. Diante das sombras negras projetadas pela lua, que se esparramava pelas colunas insistentes, divisava um insólito "φ" nas pedras de granito do chão. Em seguida ouviu o familiar sussurro, que já tanto lhe assustara outras vezes.

- A Razão é imortal... - Declarava, muito próxima, a voz murmurante e fantasmagórica que vinha de trás dele.

- ...Tudo mais... mortal. - Respondeu Borba em voz baixa com a contrasenha, virando-se para a direção de onde acabara de vir.

Ele estava lá.

Era alto, mais alto que ele mesmo, o que era surpreendente, sobretudo se levando em consideração que se movia de forma tão sorrateira e inaudível. Estava, como sempre, trajando uma casaca de impecável caimento por sobre uma incomum camisa negra e um colete cinza trançado com duas fileiras de botões. Por cima disso tudo uma sobrecasaca de couro marron, com gola e forro negros, completavam as vestes bem alinhadas.

Observador, Borba era sempre capaz de lembrar-se, em detalhes, de tudo acerca dos encontros insólitos que tivera com o indivíduo que o ajudara mais de uma vez. Mas de seu rosto, por algum motivo, jamais conseguia recordar-se, ainda que o reconhecesse sempre que voltava a ter a ocasião de encontrar o aliado.

Os óculos peculiares, redondos e com peças laterais elaboradas, davam ao sujeito de quase dois metros de altura um ar excêntrico, mas não lhe tiravam a autoridade do olhar, muito menos a força de sua expressão pétrea.

- O Império enviou-o aqui.

- Imaginei que o soubesse. - Afirmou Borba.

- Sabemos. - Retrucou o interlocutor sem paixão na voz - Está aqui para evitar um levante, quando Milleritas perceberem que não vai haver um retorno do Cristo ressurreto.

- E está certo disso? - Perguntou sinceramente Borba.

- Não será este o seu problema, caro...

Não sabia de fato quem era, o que de fato representava ou a que agenda seu interlocutor realmente era fiel, apenas que a Ordem à qual pertencia se denominava "Phi". Não mais que isso. Sua credulidade terminava onde começavam suas obrigações para com o Império, e Borba preocupava-se caso, desta feita, seu benfeitor esporádico lhe sugeria algo que fosse contra os interesses da coroa.

- Tenho respeito pela ajuda que me prestou em outras ocasiões, mas não posso prescindir de obedecer às ordens do Imperador.

- Sê alerta, caro. - Disse o estranho conhecido, levantando dois dedos diante do corpo, na altura do rosto de Borba - Há muito mais que não sabe o Conselho do Império. Presumem em demasia por depositar esperança em tua diplomacia e em achar que esta lhe será suficiente.

- Agradeço a fé que tem em minha pessoa... - Ironizou, um tanto ofendido.

- O Conselho do Império não articula com seu Ministério, caro. Há cisão nas mais altas esferas do poder ainda, e teus irmãos... - Borba entendeu que se referia à Maçonaria naquele momento - ...ainda não têm número no Conselho Ministerial para transformar teus inimigos em Oposição.

Borba meneou a cabeça negativamente - Por que me dizes esta sorte de coisas se não podes fazer mais do que dizer-me o que diz na forma de mistérios!?

- Não fazemos os mistérios, caro. Há sim um enigma preservado por um homem público de futuro e de renome. Não é político, mas não tem como deixar de ser o único político-relutante da Cidade Imperial. - Foi o que lhe expos o aliado, enquanto começava a desvendar-lhe as conspirações desconhecidas do Império e os riscos corridos por um recém conquistado amigo que fizera ao salvar-lhe de uma contenda no caminho para Petrópolis.

O Ministério conspirava para fazer, de algum modo, com que seu recém conquistado amigo, Irineu Evangelista de Sousa, viesse a arrepender-se do que fazia pelo Brasil.

** *

O lado de dentro do casarão estava em constante atividade, a não ser quando dos breves cochilos de um dos cinco indivíduos que qualquer um descreveria como sendo das mais brilhantes mentes do mundo.

Irineu Evangelista de Sousa acompanhava os trabalhos sem muito interferir, entretanto tinha desmedido orgulho, não só por conseguir unir gênios tão talentosas, mas também por conta de que viera dele a noção de que aquele invento seria viável.

Enquanto a Sociedade de Engenharia costumava fervilhar de homens d'engenho, galenos e investigadores nas mais diversas linhas de pesquisa durante o dia, aquela parte do casarão lhes permanecia inacessível e totalmente dedicada ao projeto.

Nas últimas semanas o fundador daquela sociedade de engenheiros, médicos e cientistas resolvera dar férias coletivas, pedindo que seus contratados permanecessem em suas residências no Rio de Janeiro e em São Paulo, tudo para não interferir com o importante trabalho dos admiravelmente versados indivíduos que trabalhavam incessantemente.

Parecia-lhe haver passado muito mais que quatro anos desde que Carruthers, seu mentor, lhe mostrara o tear automático a vapor, engenhoca que lhe abria os olhos para o potencial da indústria como importante vantagem competitiva para que o Brasil deixasse de ser um país unicamente agrário e escravagista. Fora ali, diante do equipamento barulhento que, sozinho, tecia peças intermináveis de pano, decidira se tornar um industrial.

Olhava irritado para os dutos flexíveis que vinham desde a câmara hiperbárica no fundo do laboratório, para os quais ainda não haviam encontrado solução mais conveniente e nos quais todos já haviam tropeçado numa ou noutra ocasião.

Trabalhando no Tabuleiro Terebrado Magnético, uma peça de dois metros por um e meio que tinha por objetivo armazenar instruções para o mecanismo, estava o compenetrado Alfred Vail. O tabuleiro operava como o faziam os cartões perfurados dos teares programáveis de Joseph-Marie Jacquard de 1804, com a

diferença de que o tabuleiro projetado por Vail naquele momento, era reutilizável e reprogramável, podendo-se reordenar e realinhar os furos magneticamente, de acordo com novos parâmetros.

Vail fora o cérebro por detrás do afamado Código Morse, tendo sido responsável por numerosas inovações técnicas do sistema de Samuel Morse, que acabara por não creditar devidamente o brilhante inventor por ter sofisticado o rudimentar protótipo do telégrafo, então inadequado para demonstração pública.

Não distante dali, em bancada contígua, um estóico James Bowman Lindsay fazia cálculos enigmáticos, olhando para um modelo complexo de dois palmos de altura com tambores, bobinas e pilhas voltaicas. Duas esferas girantes, no mecanismo, quando sofriam uma colisão com um diapásão, faziam o som delicado encher a sala e, em instantes, máquina semelhante, do outro lado do cômodo, se movia como que por passe de mágica, tal qual tivesse ela mesma sofrido o impacto.

Bowman demonstrara uma lâmpada elétrica incandescente em 1835, sendo prolífico inventor e pesquisador no campo das Ciências Naturais, mas estava ali graças a sua obsessão: a comunicação, sem cabos telegráficos, por grandes distâncias.

Ao lado da máquina gêmea de Bowman, que parecia se mover sozinha, estava um carrancudo Alexander Bain, genioso por conta dos sustos constantes que o equipamento lhe pregava. O inventor e homem d'engenho, profundamente dedicado a causa de tornar a eletricidade uma forma de energia com aplicações práticas, fora seduzido por Irineu Evangelista de Sousa a participar de um empreendimento cujos desafios subjugavam-lhe sonhos que jamais tivera.

Bain ainda trabalhava em seu protótipo da máquina de facsimile, que se utilizava de um relógio, por ele mesmo projetado, para estabelecer a sincronia entre dois pêndulos. Os pêndulos faziam a varredura linha por linha de uma mensagem, transformando-as em pulsos elétricos. Pinos metálicos, espalhados por sobre um tambor isolante, sensibilizavam uma sonda transmissora de pulsos, ligados e desligados, provenientes daqueles pinos. Uma estação receptora, então, reproduzia a mensagem em papel sensível eletroquimicamente.

A máquina que desenvolvia para o fundador da Sociedade de Engenharia, entretanto, era sobremaneira complexa do que aquilo, ocupando toda a sala que se estendia por detrás da parede de onde saíam os canículos, dutos e as reduzidas lançadeiras que teciam algo sinistro numa pequena câmara hiperbárica de testes.

Conduzindo o trabalho dos três inventores até a chegada da dama - que se ausentara momentaneamente - estava o venerável físico naturalista, químico e defensor da Ciência Pura, Michael Faraday. Com uma das mãos atrás da cintura esboçava no quadro negro as relações teóricas que tentava estabelecer entre eletricidade e magnetismo, chave do experimento que deveriam efetuar naquele mesmo dia, usando a câmara hiperbárica mais avantajada.

Fora um golpe de sorte que fizera com que Irineu Evangelista conseguisse a participação de Faraday naquele empreendimento. Ao que parecia, a Rainha Vitória visitara o laboratório de Faraday, na Inglaterra, requisitando-lhe explicações sobre seus preciosos experimentos, invenções e descobertas no campo da Ciência Pura. Depois de ver cada experimento a Rainha teria perguntado para que serviam todas aquelas coisas. Pronta e impacientemente Faraday respondeu com nova pergunta: "E para que serve um bebê?!", em seguida, continuando... "Para absolutamente nada e, no entanto, em poucos anos estão eles a fazer perguntas estúpidas sob coroas brilhantes."

Havia controvérsias sobre quão ofendida ficara de fato a Rainha Vitória com aquela reação intempestiva do notoriamente impaciente Faraday, mas era fato que o cientista acabou informalmente exilado da Inglaterra por tempo indeterminado.

Michael Faraday, sabia o fundador da Sociedade de Engenharia, era o grande responsável por manter aquelas mentes se empenhando em uníssono no empreendimento, levado a cabo sem o conhecimento do Império ou de qualquer outro órgão governamental.

No interior da intrincada planta do casarão, que era a sede da Sociedade de Engenharia, a desgarrada cientista, que saíra do laboratório para esticar as pernas, banhar as faces pálidas, pentear as belas madeichas e refletir acerca do que tinha pela frente, sentia-se realizada, mas exausta, por tantas horas contínuas

de trabalho. Estavam marcados, para logo mais à tarde, os testes do engenho insólito e laborioso que lhes vinha tomando meses.

Pensava naquilo, enquanto divisava a madrugada, pelas largas janelas da sala de estar da mansão, quando ouviu o ruído de uma das cristaleiras, que movera-se, como se alguém houvesse nela esbarrado.

De súbito sentiu-se assombrada pela possibilidade de ter um intruso a esconder-se nas trevas e decidiu-se por voltar e avisar os sentinelas, que deviam estar reunidos na... - Oh, Cristo! - Gritou, em seu inglês bretão, ao ser agarrada por alguém que, das sombras, lhe prendia os braços e a fitava, aparentemente, com surpresa redobrada.

- Augusta?! - Disse, vacilante e surpreso, Quincas Borba, em um sussuro, para então ser o alvo de muitos tapas indignados enquanto soltava a dama - Ada! Ada! Sou eu, Quincas!

Por um momento Augusta Ada Lovelace avaliou aquele rosto do passado, até que abriu um sorriso confuso e atirou-se nos braços do amigo que não via desde os dezessete anos.

- Vão-se já doze anos que não te vejo, criança! - Recordou, comovido, desvencilhando-se do abraço e percebendo um momento embaraçoso no qual sentiram-se, ambos, compelidos a trocarem um beijo profundo.

Ada afastou-se do antigo e proibido amor, corando, para lançar breve olhar à aliança que pesava em sua mão esquerda - Sinto muito... - foi o que disse ela, antes de um porrete atingir Borba por trás.

O estrago não fora tão grande. Desfalecera e era só, entretanto fora o suficiente para que a dor de cabeça o fizesse comprimir os olhos para reconhecer Irineu Evangelista que, atarantado diante dele, tentava desvendar os motivos que levariam o recém conquistado amigo a invadir sua propriedade.

Estavam, Borba e seus captores, no arco do portal, que levava à ante-sala do que parecia um laboratório e, incomodado em ter sido enxovalhado pelas sentinelas, deu breve avaliada em suas casacas cheias de alças utilitárias. Sacudiu

um pouco o corpo para lá e para cá, até que as tiras de pano fossem tomadas pelas maçanetas de cada um dos lados.

Subitamente deu um passo à frente e, as sentinelas, presas que estavam pelas alças de suas casacas, acabaram por se atrapalhar e deixar o capturado debandar.

Surpreso por mais aquela peraltisse de Borba, mas divertido com a estupidez dos sentinelas sob seu comando, Irineu Evangelista fez sinal para que a guarda desistisse de tentar agarrar o fujão e deu ordens para que se soltassem daquela situação enrascada.

Já sério, conduzindo Borba pela ante-sala do laboratório, Irineu usou da expressão mais séria de que dispunha, apesar de sua simpatia pelo amigo - O que fazes aqui, homem?!

- Venho investigar o que chegou aos meus ouvidos, Irineu.

Aquilo preocupou o futuro industrial. Um delegado do Império vindo investigar a Sociedade de Engenharia não era boa coisa - A pedido do...

- Não, não, Irineu. Não venho da parte do Imperador, mas em meu intento em favor do Imperador esbarrei à informação de que será a Sociedade de Engenharia, de alguma forma, prejudicada pelo que sucede na cidade.

O olhar sério de Borba lhe causara impressão, irmão Maçom que era, ao ponto de demover-lhe do que lhe parecia mais sensato - O que precisas, meu amigo?

- É mister que me digas o que trama tua Sociedade de Engenharia para o dia de hoje, conforme minha fonte mencionou-me.

Irineu Evangelista sabia que, para que tivesse chegado ao conhecimento de Borba que ele mesmo investia em empreendimento confidencial, este último tinha de ter aliados incomuns e cujas informações exigiriam elaborado serviço de inteligência, sobretudo uma vez que nem o Império sabia da natureza de seus investimentos.

Nas horas seguintes Quincas Borba seria apresentado aos projetos industriais de Irineu Evangelista de Sousa. Formidáveis feitos planejava aquele empreendedor

que tencionava transformar o Brasil através da Indústria e do investimento nas Ciências e na Engenharia.

Seus empreendimentos iriam, segundo ele, de fundições, dutos, iluminação, saneamento, títeres mecânicos, ferrovias e locomotivas até um estaleiro, navios, fragatas e naus de hasteio - o que havia de mais avançado em termos de transporte. As únicas nações dotadas de frotas de hasteio eram a Inglaterra e a América do Norte, naus capazes de, fazendo uso de anidro, uma forma desidratada de amônia, elevar-se por sobre as águas e perfazer trajetos de forma muito mais eficiente, muito embora com capacidade de carga ainda limitada.

Só vira duas naus de hasteio, ambas parte da frota Britânica, uma na Inglaterra, quando em visita pela Casa Carruthers e outra, a HMS Daedalus, aportada na Baía de Guanabara desde 1838 e usada, sobretudo, para rápido transporte aéreo bretão pela costa brasileira.

Irineu Evangelista de Sousa planejava colocar o Brasil no mapa das potências mundiais através de idéias grandiosas e ações inteligentes. E tudo isso passava pela Sociedade de Engenharia.

Quando foi apresentado a algumas das mais brilhantes mentes do mundo, em seguida, todas trabalhando naquela sala sob a tutela de Michael Faraday, percebeu que as ambições do Maçom eram ainda maiores do que supôs ao ouvi-lo falar de seus projetos públicos.

Aparentemente Ada Lovelace, seu amor impossível de doze anos antes, deixara de ser mera entusiasta da Matemática, o que já era um fato em sua tenra idade. Transformara-se em importante colaboradora de Charles Babbage, em seu intento de construir a chamada Máquina Diferencial e o Motor Analítico, ambos engenhos capazes de automatizar cálculos complexos e computar tabelas cujas dimensões e quantidade de informação nelas embarcadas tornariam proibitiva sua manipulação por matemáticos.

Sua eterna paixão, que agora se encontrava sob o jugo do matrimônio, desenvolvera, para o mais confidencial dos empreendimentos de Irineu Evangelista, uma meta-linguagem que se supunha capaz de compilar a matéria da qual era composta a carne, sangue e ossos dos homens; transcrita em código bruto

pelo Tabuleiro Terebrado Magnético de Alfred Vail; impressionando tambores de avaliação e transcrição antropomórfica construída por Alexander Bain; difundindo através do éter informações codificadas usando a ferramenta projetada por James Bowman Lindsay; e convertendo aquelas informações em um plágio da criatura compilada, utilizando-se dos princípios do eletromagnetismo de Michael Faraday, que agia sobre tanques de elementos químicos para, de um outro lado, a grande distâncias dali, remontar o bicho-homem em uma máquina gêmea receptora.

- ...E uma vez que o Facsimile receptor está do outro lado da casa, as antenas de Lindsay estarão apontadas uma para a outra. Será um tanto ruidoso e pirotécnico, mas o processo de transmissão durará meros vinte minutos.

Irineu Evangelista de Sousa estava financiando o projeto e construção de um Facsimile de Amplo Espectro, um transporte de longas distâncias capaz de desmontar o ser e remontá-lo em outro ponto do globo.

Quincas Borba desvendara de imediato o plano e motivos de Joshua Vaughan Himes e do Conselho de Ministros.

- Como procedo para ter acesso a um Tubolégrafo nesta cidade, irmão?... -
Inquiriu Borba a Irineu Evangelista.

- A Sociedade de Engenharia tem uma central própria de Tubolegrafia, mas não entendo... O que pretende?

Borba fitou Irineu com semblante grave - Preciso contatar um velho amigo.



Epílogo

Acordou tarde, na sede da Sociedade de Engenharia, ao som das sentinelas que preparavam as carabinas e porretes para qualquer eventualidade. Bain e Vail, dois dos cientistas que trabalhavam no experimento confidencial de Irineu Evangelista de Sousa, passavam pela sala carregando peças de metal e rolos de pano para fazer sabe-se lá o que para os lados do laboratório.

O sofá fora implacável com suas costas mas, como dissera ao amigo Maçom, não queria ficar por demais confortável e correr o risco de acordar demasiado tarde. Ao que parecia o plano falhara em parte, entretanto, não de todo.

Retornaria Cristo, segundo o "Arauto de Petrópolis" - um dos periódicos editados por Himes na Cidade Imperial - ao fim da tarde, por volta das dezoito horas, o que lhe dava tempo suficiente para verificar se recebera alguma mensagem tubolegráfica da capital e para se preparar para a cerimônia para o supostamente glorioso Advento.

O movimento no interior do casarão era frenético e, no laboratório, pode ver o esquife, a câmara hiperbárica de mais de dois metros de altura, aberta e cheia de anzóis, eletrodos, agulhas, antenas, lancetas e solenóides recolhidos que lhe davam calafrios.

Segundo Irineu, um jovem sentinela concordara em ser a cobaia do experimento e em entrar no esquife para, depois de uns trinta minutos, ser avaliado pela máquina, compilado em seus elementos mais fundamentais e literalmente desintegrado para, em seguida, ser remontado em máquina gêmea do outro lado da mansão - tudo por uma substancial quantidade de contos de réis.

O futuro industrial não estava exatamente satisfeito em adiar para mais tarde o experimento pioneiro, até porque as condições climáticas favoreciam os testes e porque, se chovesse, todo o empreendimento estaria comprometido. Isso sem contar que, uma vez que alguma organização já tivera acesso à informação de que

tal experiência estava por acontecer, o risco de descoberta por parte do Estado se tornava crescente a cada dia.

D. Pedro II era um homem ilustrado, inteligente, Filósofo, criatura de grandes ideologias mas que carecia das qualidades de um homem de negócios e de indústrias, um tipo que compreenderia que, para criar um país, era necessário mais que idéias, mas ações grandiosas e inventos e empreendimentos que revertessem ao Brasil a vantagem competitiva no cenário mundial.

O Sítio do Advento, como convencionara denominar o "Arauto de Petrópolis", era o pátio da igreja de São Pedro de Alcântara, onde um pódio havia sido montado por sobre um tablado onde os pastores Milleritas e o próprio Himes capitaniariam a reunião popular até a chegada do Cristo.

Saíra da sede da Sociedade de Engenharia sem mesmo trocar duas palavras com Ada Lovelace, por quem percebeu ainda nutrir afeição maior que desejara, e contentou-se com uma rápida troca de olhares por entre a dezena de sentinelas que se preparava para qualquer eventualidade.

O dia estava belo, com sol ainda visível mas com as sombras de duas colinas próximas já se insinuando pelas ruas da cidade, imprimindo o clima alpino que lhe parecia tão deslocado daquele que vivia na capital.

Seguisse ele pelas ruas até o Sítio do Advento teria de cobrir mais terreno - calculou rapidamente - portanto decidiu-se por cortar caminho pelo Palácio da Concórdia, prédio que, em seu ponto mais alto apresentaria três andares mas que, por ora, mais parecia uma coleção de colunas que, embora promissoras, passavam a mensagem de que o Brasil era um país ainda em construção.

Andaria uns duzentos metros até a lateral do pátio de construção do Palácio da Concórdia, que tinha, ele mesmo, cerca de cem metros de lado a lado. Dali até a Igreja de São Pedro de Alcântara não deveria andar mais de quatrocentos metros.

Parou brevemente sem conseguir ignorar a beleza da cidade que se descortinava à medida que passava pelas paredes e colunas orfãos que compunham a construção, incompleta que estava até ali. Petrópolis era, de fato,

uma belíssima localidade e, apaziguada aquela situação, Borba não deixaria passar a oportunidade de ali adquirir uma propriedade para si.

Estava ainda preocupado por não ter recebido qualquer resposta da capital da mensagem tubolegráfica que enviara naquela madrugada. Fazia votos para que houvesse algum padre vibrofonografólogo disponível para ler a mensagem que gravara nos rolos-de-cera que enviou, porém, vez por outra, era mesmo bastante dificultoso encontrar alguém que pudesse ler as mensagens confidenciais.

Os vibrofonógrafos tubolegráficos tinham a vantagem de manter confidencial a palavra falada e convertida em linhas sinuosas naqueles rolos-de-cera, mas o fato de não ter sido inventado um equipamento capaz de reproduzir as mensagens ali codificadas acabara por fundar toda uma nova fonte de renda para a Igreja - uma vez que se argumentava que só padres seriam pessoas nas quais seria possível depositar tal confiança.

Divagava sobre como lhe parecia inverossímil que alguém fosse capaz de interpretar aqueles rabiscos gravados em rolos-de-cera e, dali, extrair qualquer coisa que fosse.

Seu monólogo interno foi interrompido pelo alarido da multidão, que se concentrava diante do tablado suntuosamente decorado, montado para a chegada do Cristo. Teria de contornar o povaréu para chegar ao tablado com maior agilidade.

Por um momento passou-lhe pela cabeça que, caso o Milleritismo estivesse correto, talvez fosse aquele o melhor momento para uma conversão. Afinal, até mesmo o padre resolvera por converter-se e, levando em consideração aquele amontoado de fiéis, era provável que toda a cidade já estivesse fazendo parte daquele culto que vinha, repetidamente, alimentando o mundo com datas frequentemente malfadadas do fim dos tempos.

Chegava à lateral do tablado e subia a escada, olhando, amofinado, para as nuvens de chuva que se aproximavam do sudeste. Não sabia se Irineu Evangelista, francamente descontente com o que chamava já de "disparate devocional", seria capaz de sensibilizar-se com a avaliação que fizera Borba acerca das suscetibilidades das massas fiéis.

Armou seu melhor sorriso para encontrar-se com Joshua Vaughan Himes a meio caminho do pódio que, para ele, mais lembrava um patíbulo que o conduziria à uma força imaginária, desse tudo errado como poderia dar-se.

- Está tudo certo para que cumpramos as requisições do Império? - Perguntou pausada e cuidadosamente Borba, tentando não aparentar sua desconfiança latente.

Himes sorria seu melhor sorriso político enquanto sacudia-lhe a mão e meneava a cabeça positivamente, olhando para a multidão e conduzindo Borba até o lado do pódio onde o pastor Fulgêncio discursava em direção aos cones que amplificavam sua voz mecanicamente, através de três dutos que terminavam em aberturas no formato de tubas.

- E é neste dia glorioso que estamos aqui, por debaixo dos céus dos quais descenderá o nosso Senhor Jesus Cristo... - Ao que todos, em uníssono salpicado de outras declarações mais cétricas, diziam "Aleluia" - ...o filho de Deus e nosso Deus Ele mesmo. Nosso Deus Ele mesmo e a expressão transcendente do Espírito Santo...

Alguns, na multidão, pareciam descontentes e até, em alguns casos, discutir com os colegas ao lado. A situação poderia facilmente descambar para onde ninguém desejava e o pior poderia mesmo acontecer. Borba cochichou para Himes - Por que parecem tão refratários alguns? O que há de errado?

O publicista avaliou brevemente a sinceridade do interlocutor, em meio a algazarra de vozes concorrentes com a do pastor Fulgêncio - Falta de fé... É ela a primeira a debandar quando o erro dos Homens faz com que Deus pareça ter se esquecido de seus fiéis...

Borba sentiu que poderia até mesmo acreditar naquela voz de sotaque estrangeiro e grave sonoridade, não soubesse ele o que sabia acerca de seu venal envolvimento com o Conselho de Ministros que, a revelia do Império, sequestravam caudalosas somas geradas pelas publicações Milleritas e, ao mesmo tempo, concediam assinaturas que permitiriam mais e mais concessões de direitos de publicação, distribuição e uso da cidade de Petrópolis como polo do Milleritismo no país.

Quando acompanhou com os olhos o trajeto do tomate que cortou o ar, do público até a base do pódio, fitou novamente Himes - Me parece um pouco mais que isso.

Impaciente mas seguro de si, o norte americano falou por entre dentes trincados e sem devolver o olhar de Borba - Dois ou três sinais que deveriam ter ocorrido, do retorno do Cristo, não aconteceram de fato. Talvez haja alguma relação com este grupo isolado que parece insatisfeito. - Fitou finalmente o agente do Império - Mas está tudo sob controle!

Fulgêncio continuava sua ladaíinha enquanto a turba, dividida, tanto falava aos céus quanto falava à terra. A hora se avizinhava e o solilóquio do pastor parecia cada vez mais tautológico e cada vez menos em contato com os devotos que, ao que parecia, começavam a perder a paciência.

- ...E a glória do Cristo ressurreto dará força à nossa fé, quando de seu retorno, da mesma forma que o fez para com seus discípulos ao Corpo Glorioso do filho do Homem... - O pastor parecia sincero, contudo seus receios eram aparentes no suor frio que brotava-lhe da frente - ...Corpo com o qual seus devotos fiéis poderão gozar da beatitude e maravilhas do céu, ascendendo ao paraíso celestial e...

Foi aí que uma sombra pequena e rápida relampejou brevemente diante da testa do pastor e este quedou-se para trás, de cima do pódio, sob as duras palavras de dois ou três da multidão que gritavam: "Charlatães!"

Quincas Borba, que não se considerava homem de ação, sabia contudo que tinha presença de espírito suficiente para manter a calma ou, por outra, desesperar-se com bons resultados ante o pior: "Biltres!", continuava a meia dúzia de raivosos descrentes.

O agente Imperial subiu ao pódio sob os gritos da já vintena de coléricos ex-fieis que berravam: "Patifes!"

- Senhores! Venho a pedido de vossa excelência o Imperador D. Pedro II. Venho da capital, da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, para falar-lhes em nome do filho de D. Pedro I, neto de D. João VI, pedindo que não percais a fé

por conta de erros de homens. - Tentou Borba a contra-gosto mas empenhado em acalmar ânimos, o que parecia conseguir com moderado sucesso até, que algo sucedeu.

Ao ronco trovejante de uma chuva que se avizinhava seguiu-se um som insistente e pulsante que lembrara-lhe a Feira Mundial, onde arcos voltáicos desprendiam centelhas no ar. E foi então que compreendeu que, embora ainda não fossem completas as dezoito horas, ante a precipitação que se acercava Irineu resolvera por dar início ao seus testes.

A população da cidade já conhecia a soada daqueles tambores, bobinas e traquitanas girantes que ressoavam em crepitantes ruídos elétricos crescentes, muito embora, desta vez, parecesse um tanto mais coléricos e mais no limiar da audição, sugerindo a iminência de algo.

Borba foi atirado para o lado por Himes que, de súbito, empurrou-o para vir aos cones e, com seu sotaque grave e firme, fazer tanto o agente Imperial quanto o pastor Fulgêncio, empalidecerem.

- Escutem o som da perfidia humana! Ouçam o crepitar dos invenções demoníacas! Atentem para a nova Babel que a Sociedade d'Engenhos coloca entre os bons homens e o amor do Cristo! - O alarido dos ouvintes, entre a introdução do discurso de Himes e os sons do outro mundo provenientes do casarão de Irineu, cessou momentaneamente, muitos deles um tanto confusos com a semente convenientemente plantada por Himes em sua ideologia.

Borba acreditara que Himes incitaria a população, entretanto a coisa ia de mal a pior.

- O diabo encarnado, Irineu Evangelista de Sousa, maçom arrogante, bruxo de pacto com Satanás, charlatão saído do nada que só por força da venda da própria alma poderia ter alçado vôos tão altos. Dele e dos seus é a culpa do não retorno do Cristo. - Foi quando Borba notou que Himes sinalizou discretamente para um lugar na multidão com um único movimento de cabeça.

Procurou o alvo de sua mensagem silenciosa para, então, ver um sujeito familiar, ali no meio, que chamou a atenção ao voltar a cabeça aos céus, a boca

escancarada, berrando: "Senhora?... Sim, Senhora... Como ordenar, Senhora!", como se estivesse falando à própria Virgem.

Era o secretário pessoal de Himes, reconhecera Borba e, seguindo-se daquele fenômeno outros sujeitos, quase todos familiares a ele desde sua visita ao gabinete de Himes, fizeram a mesma encenação e, após sua suposta "visão", começavam a multiplicar a informação que alegadamente receberam da Virgem Maria.

Finalmente o próprio Himes escancarou a boca e voltou a cabeça para o céu - Senhora? ... Sim, Senhora... Como ordenar, Senhora!

Quando saiu do embusteiro transe, Himes pareceu calmo e pôde contar com uma moderada explosão proveniente da sede da Sociedade de Engenharia, de onde um belo arco elétrico se desprendeu e iluminou aquele fim de tarde com um silvo agudo e com a aparição das duas antenas de Lindsay, que subiam de dentro de duas clarabóias do casarão, cada uma de um alado do telhado, apontando uma para a outra e trocando centelhas elétricas gigantescas e ameaçadoras.

- A Virgem me participou que Irineu, o infiel, criou um engenho que impediria o retorno do Cristo e o Apocalipse segundo João! - Não havia um traço de falta de sinceridade em sua voz, tampouco, sabia, qualquer bocado de verdade - Aplaquemos a ira da Nosso Senhor Jesus Cristo! Destruamos a máquina do diabo antes que por si só o vilão faça com que toda a existência caia em desgraça e com que a humanidade seja abandonada pela Divindade!

Quincas Borba trocou um olhar suplicante com o pastor Fulgêncio que, virtuoso, tinha de aceitar a realidade de que era tudo aquilo um grande engodo. Borba subiu em direção ao pódio enquanto o pastor arrancou de lá o publicista que gritava em direção a uma turba furiosa e enlouquecida, já prestes a fazer justiça com as próprias mãos.

- Escutai, fiéis! É sabido... - Gritou Borba, a plenos pulmões, pelas tubas amplificadoras - ...Que o Cristo não fazia da força ferramenta para lidar com seus inimigos! É o caso de percebermos a necessidade, no advento do não retorno do Cristo! É preciso que assumamos um juízo investigativo que nos permita entender as linhas tortas da Divindade sem conferir a culpa a quem não a merece!

Mas era tarde demais. Novas explosões de luz e o crepitar das centelhas elétricas, em conjunto com os sons sobrenaturais, se somaram a um relâmpago magnífico que desceu das nuvens em formação e atingiu uma das antenas de Lindsay, fazendo-a volver-se para cima e responder ao ataque com um gigantesco arco elétrico que pareceu galgar as núvens e provocar nova explosão de cores.

Himes digladiava com seu pastor outrora mais leal e, por fim, conseguiu dividir o pódio com Borba - Os céus batalham contra o diabo que revida! É a ira de Deus, fiéis Milleritas! Lhes rogo! Usemos de força para assegurar o retorno do Messias!

Dito isso um enorme contingente de fiéis, dentre as centenas que atendiam ao Sítio do Advento, partiram em desabalada carreira pelas ruas de Petrópolis, em direção a sede da Sociedade de Engenharia.

Borba não esperou por nada. Saltou do tablado, desengonçado mas resoluto, passando por entre devotos sensibilizados ou não por suas palavras, confusos ou não sobre se a Sociedade de Engenharia era o flagelo da humanidade. Mais de cinquenta pessoas corriam pelas ruas em direção ao casarão de Irineu Evangelista e ele precisava fazer alguma coisa.

Pensava que, se ao menos sua mensagem houvesse alcançado a capital talvez tivessem uma chance, mas Irineu e os cinco cientistas não teriam como se defender, mesmo com auxílio dos sentinelas do palacete.

Corria para fazer o mesmo caminho de volta. Provavelmente, usando o mesmo atalho que usara para chegar à igreja de São Pedro de Alcântara, tivesse melhores chances que os revoltosos que corriam em direção da origem daqueles sons infernais que partiam da Sociedade de Engenharia.

Chegou, resfolegando, ao que viria a ser o portal de entrada do Palácio da Concórdia e, àquela altura, as árvores, as colunas e as paredes tornavam o ambiente muito mais sombrio e labiríntico. Não tinha tempo a perder e, portanto, pôs-se a tentar sair do outro lado da construção.

Quando finalmente conseguiu evitar os obstáculos na quase escuridão e chegar às colunas finais entre ele e o caminho para o casarão de Irineu Evangelista, a

visão era aterradora. Eram mais de setenta furiosos devotos Milleritas correndo pelas ruas em direção ao aclave que levava à Sociedade de Engenharia. Sob a luz do fim da tarde não ouvia senão uma fração da algazarra que faziam, mas pareciam absolutamente incontroláveis e, quando se acercassem da casa, não haveria mais esperança.

Foi então que uma sombra oblonga projetada pelos últimos raios de sol, passou por cima do Palácio da Concórdia e dominou o terreno, manobrando pesadamente e fazendo com que tanto Borba quanto alguns dos fiéis voltassem os olhos para os céus.

A HMS Daedalus, nau de hasteio da frota britânica, acabara de chegar por sobre o palácio, indo em direção do espetáculo pirotécnico promovido pela Sociedade de Engenharia, com suas velas insufladas pelos ventos frios da cidade e, girando os lemes aéreos, manobrava em oneroso arco para disparar ruidosa salva de advertência contra a Colina Concórdia, os canhões fumegando, explodindo e jogando a nau com força na direção contrária.

Não havia dúvida! Seu velho amigo recebera sua mensagem tubolegráfica na capital e não lhe decepcionara com sua influência.

Os devotos, amedrontados, foram todos ao chão, assustados, e a voz de Brás Cubas, ecoando pelas ruas da cidade, vinda de enormes tubas amplificadoras montadas ao lado da nau, completaram o aterrorizante quadro: "Entendam-se advertidos e estejam avisados de que esta embarcação não se furtará a disparar contra civis que se aventurem em batalha campal!", foi o que soou pelas colinas enquanto a fumaça das explosões dos disparos e focos de incêndio bruxuleavam no bosque petropolitano.

As quatro pesadas âncoras da embarcação desabavam do casco e os estrondos de sua queda reverberavam enquanto amarras eram jogadas do convés e infantess ingleses desciam para dar apoio no solo para o caso de alguns dos insurretos continuarem em seu intento.

A nau, de esplêndida beleza, segurava-se ao solo graças às âncoras mas, qual corcel indomável permanecia lutando contra os grilhões, os dois mastros curvos sob o casco sendo então recolhidos, qual asas de um grande pássaro. Os hasteiros

se ocupando de inúmeras amarras, faziam seu trabalho no convés que abraçava, com o casco, o balão de hasteio de amônia.

Imerso que estava no espetáculo promovido pelo amigo Brás Cubas, Quincas Borba sentiu-se sossegar o coração e as tripas sem, no entanto, perceber a figura sinistra que vinha em sua direção, caminhando das sombras do Palácio da Concórdia por detrás dele.

O homem, de vestes vetustas e com uma lâmina brilhante em uma das mãos recitava em um sussurro quase inaudível: - "...alguns há, dos que aqui estão...", finalmente se acercando da presa que caçara desde a capital, "...alguns há que não provarão do fim até que vejam vir o rebento do maldito no seu reino..."

Seria certamente uma morte rápida desta vez, já que o homicida sequer respeitara seu costume usual de recitar as denegadas Hostes de Buttadeus.

A vítima não vira seu destino se aproximando e apoiou-se por um momento à uma das colunas virgens do palácio, sem preocupar-se com nada além do próprio regozijo e com os devaneios acerca do resgate perpetrado por seu velho amigo, enquanto a pouca distância, um eventual narrador se veria diante de um dilema.

A lâmina refletia os derradeiros raios do Sol a cada passo sorrateiro do ardiloso responsável pela morte de tantos outros, enquanto um fortuito relator se ocupava da verdade por detrás da natureza de uma narrativa.

Entendia que aquela personagem delgada, de fartas suíças, agora desgrenhadas e vestes amarrotadas pelos enxovalhos de sua biografia recente, teria ainda muito a fazer e demais a realizar.

O malfeitor se aproximava, inclemente, já havia poucos passos de sua vítima, sem deixar qualquer dúvida de seu intento e dos resultados decorrentes do que faria.

Percebia que, não havendo possibilidade de socorro, o protagonista de tão grande desapontamento seguido de um levante popular contra um futuro Barão se encontraria com sua morte e as tantas outras histórias acerca dele não sucederiam.

O severo homicida se preparava para a investida final, o objetivo de sua viagem desde a chacina da Quinta, passando pelo massacre do Caminho do Proença, ao assassinato de um cocheiro ingenuamente audacioso. Era o seu momento e nada se colocava entre ele e sua presa.

Depreendia que não fosse a personagem criatura viva n'outras narrativas não seria ele, o narrador, mais do que um devir de prosa escrita e, portanto um nada. De súbito ficava claro ao relator desta história que, para continuar narrador, precisava ele deixar de narrar e conhecer-se a si mesmo.

O desumano sanguinário flexionava então um dos braços, preparando para agarrar a vítima e apunhalar suas entranhas vezes suficientes para que esta não mais tivesse lugar naquele mundo.

E foi neste momento que deixei de ser mero narrador para, insurreto, substanciar-me e colher uma tábua ao chão, desferindo poderoso golpe à cabeça do incauto agressor que tiraria a vida daquele que, sabia eu, ainda estaria presente em muitas das histórias por mim narradas.

Ainda que tenha sido este o momento fabuloso em que Quincas Borba, involuntariamente, tornou-me de narrador em personagem, como não é a narrativa a meu respeito, seria importante que a ela retornássemos.

Borba achou ouvir algo atrás de si e voltou-se rapidamente, entretanto, os disparos das espoletas de carabinas nervosas o fizeram voltar-se novamente ao casarão, onde pouco mais de vinte insurretos mais resolutos haviam se resolvido a invadir o palacete, quebrando janelas e ignorando tanto os infantes bretões quanto os sentinelas que tentavam conter sua incursão.

A meio caminho da sede da Sociedade de Engenharia, Borba sentia-se novamente destituído de suficiente preparo sem, no entanto, dar-se por vencido por seus próprios revezes.

Entrou por uma das janelas, vendo um dos sentinelas ao chão, sob as ferragens da esquadria, retirou as partes de metal de cima do pobre e, quando este o viu, catou a garrucha ao chão. Não tendo tempo para contendas equivocadas soltou-

lhe as ferragens por sobre o corpo novamente e pôs-se a correr para dentro, indo em direção ao laboratório.

Quando na altura da ante-sala viu um revoltoso sendo atirado para fora e, em seguida, Irineu Evangelista de Sousa, que abraçava a mão direita e depois a sacudia diante de si, visivelmente cheio de dores - Pugilistas nada são sem suas luvas. - Disse se juntando a Borba e adentrando o laboratório, revirado, onde podia ver Faraday tentando desligar a máquina, obviamente sendo eletrocutado, Vail e Bain ao chão, duas sentinelas tentando conter quatro insurretos e Lindsay, do outro lado da sala, com um pé-de-cabra às mãos, inexplicavelmente tentando arrombar a grande câmara hiperbárica de testes.

Irineu usou uma tábua para desprender Faraday da alavanca de desligamento da máquina que funcionava a plenos vapores e plenas capacidades. A contagem regressiva, expressa por tabuínhas girantes de madeira que exibiam os algarismos estava em quarenta segundos.

O disparo das garruchas de dois sentinelas que entraram no laboratório intimidaram os quatro insurretos restantes que, ao tentar sair ainda foram investir contra Irineu e Quincas que, prontamente, como que de forma combinada, fizeram a memorável pose de Vjaramushti que Borba usara para livrar-se dos hussardos na estalagem no Caminho do Proença e, novamente, a arte marcial que não conheciam provou-se igualmente eficiente, espantando os fiéis. Trinta segundos.

Borba e o fundador da Sociedade de Engenharia, então, foram andando calmamente mas estranhando empenho frenético de Lindsay para abrir o esquite. Se entreolharam e, em seguida, procuraram ao redor Ada Lovelace, sem sucesso. Vinte segundos.

Correram em direção à câmara e olharam pelo vidro sextavado. Ela estava ali dentro, com as feições controladas, mas visivelmente assustada, enquanto tentava, de toda forma, ser ouvida, em vão, pelas testemunhas daquele desastre anunciado de responsabilidade dos malditos dutos flexíveis que a fizeram quedar no esquite em meio a confusão. Dez segundos.

Com as antenas desalinhadas como estavam pelo relâmpago, quando a contagem chegasse a zero a varredura seria feita, a transmissão seria iniciada e, então, a bela algorista deixaria de existir, lancetada, eviscerada e, em seguida, carbonizada pela máquina que, inclemente, emitiria a transmissão para o Cosmos. Eles afastaram os olhos do pequeno basculante, já não mais vendo as tentativas da dama que tentava usar do que sabia para... E o tempo de fazer qualquer coisa se foi.

Com um estrondo seguido de um decrescente crepitar elétrico, a esperança de Borba em - quem sabe um dia? - ter seu amor de volta, se esvaía em fumaça e carne carbonizada. A jovem mais bela e mais perspicaz que conhecera, a única que amara e que, mesmo depois de tudo que fizera, não conseguira salvar. Triste ironia que, em meio as escaramuças, acabara sua paixão presa no esquite acidentalmente.

Ouviram Lindsay tossindo, depois abrindo a escotilha para o esquite e, em meio à fumaça, Borba e Irineu divisaram o corpo intacto de Ada Lovelace que, chamuscada, desfalecera com uma das mãos dentro do painel interno da câmara hiperbárica e que tinha a outra mão ao ventre, envolta em fios elétricos e agarrada com o atuador dos anzóis, eletrodos, agulhas, antenas, lancetas e solenóides.

Ada Lovelace salvara a própria vida.

- Mas que diabos, Quincas! - Era a voz de Brás Cubas, vinda da porta do laboratório - Te deixo sozinho e destróis uma cidade inteira!

Borba não conseguia parar de abraçar sua eterna paixão, que abria os olhos e sorria para ele enquanto Irineu Evangelista de Sousa buscava-lhe uma moringa d'água e James Bowman Lindsay e Michael Faraday se acercavam dos demais cientistas que recobravam a consciência.

Meses de trabalho e muitos contos de réis depois a máquina construída pela Sociedade de Engenharia e desesperadamente eviscerada por Ada Lovelace, felizmente, não funcionara.

Nas horas seguintes Joshua Vaughan Himes abandonaria Petrópolis, esgueirando-se para Salvador; os Milleritistas, dando ouvidos a Quincas Borba, se

empenhariam em reformular sua crença, lançando as bases para uma nova religião; Irineu Evangelista de Sousa desistiria do Facsimile de Amplo Espectro, concentrando-se no lançamento de seus títeres automatizados; Ada Lovelace se despediria da antiga paixão para, ao que tudo indicava, viver em paz seu casamento; os demais cientistas, selecionados pela Sociedade de Engenharia, voltariam para seus países; e Brás Cubas teria motivo suficiente para fazer pilhéria com os despautérios de Quincas Borba por mais alguns meses.

Quanto à figura soturna que fizera vítimas desde a capital até Petrópolis e que eu tão valente e diligentemente abati, quem saberia qual era sua agenda secreta?

A noite caía, Quincas Borba finalmente dormia o merecido sono e, a bordo da nau de hasteio britânica, faziam, silenciosos, o percurso aéreo de volta à capital.

Não fora, afinal, o fim do mundo.

* * *

Era dia, o ar parecia faltar-lhe e a luz escarlate vinda do céu e do solo machucavam seus olhos recém abertos. Tentou levantar-se e sentiu dificuldade, como se dormisse havia muito tempo entretanto, finalmente, conseguiu aprumar-se e sentou de lado, avaliando os próprios braços e as roupas castigadas.

Sua aliança se partira e estava ao chão. Recuperou-a e lançou breve olhar para a inscrição em seu interior, buscando algum conforto, entretanto os dizeres estavam de trás para frente.

Seus cabelos se desarrumaram do coque que costumava usar e ela olhou para o céu pardacento, onde duas diminutas luas disformes concorriam para fazer daquele um cenário ainda mais insólito do que já lhe parecia.

O solo, cheio de seixos desde onde estava até a distância, dividiam o caminho até o horizonte com escarpas e montes de todo tamanho.

Do seu lado direito, havia alguns metros dali, um enorme desfiladeiro, qual gigantesco oceano que secara - intuía - completava a cena inconcebível. Seus olhos ardiavam...

Olhou para trás, vendo um sofisticado mecanismo que, em campo aberto, de alguma forma provavelmente havia captado o sinal enviado pela máquina que ela ajudara a construir. Sua garganta queimava...

Levantou-se para olhar à sua volta, a brisa leve fazendo balançar seus cabelos na baixa gravidade, sentindo-se com dificuldade em respirar na atmosfera rarefeita. Seus pulmões entravam em colapso...

Não havia mistério, nem sequer ceticismo em seus pensamentos. Não sabia como... mas sabia muito bem onde estava, muito embora não quisesse crer e não mais conseguisse raciocinar com a mesma clareza.

Quanto tempo teria até desfalecer e, por fim, sucumbir à falta de oxigênio?
Quem teria construído uma máquina receptora naquele local?

Como poderia voltar do Planeta Vermelho?

F I M